



DANÇA HIP-HOP E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA EXPERIÊNCIA CRÍTICA E CRIATIVA NO PIBID DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Vitória Alves

Melo¹ Pedro Henrique Almeida

Alves¹ Denise Nogueira

Nogueira¹

Maria da Conceição dos Santos Costa¹

Fátima de Souza Moreira¹

Universidade Federal do Pará¹

RESUMO

O presente relato apresenta uma proposta pedagógica vivenciada em uma Escola Municipal, no município de Belém/PA, dentro do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na área da Educação Física. A experiência se relaciona com o projeto escolar “Nossas Raízes, Nossa História”, de caráter antirracista, que busca valorizar a identidade étnico-racial e combater o racismo presente na sociedade, em concordância com a Lei nº 10.639/2003, a qual torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar. Como bolsistas do PIBID, desenvolvemos aulas que trabalharam a cultura hip-hop como um movimento cultural amplo, de forma crítica e criativa. Foram realizadas atividades práticas (como ensino de movimentos da dança), rodas de conversa, estudos sobre as músicas que tratam de temas raciais e sociais, incentivando o debate sobre resistência, identidade e pertencimento. Entendendo o corpo como uma forma de expressão e de posicionamento, a proposta teve como objetivo oferecer uma Educação Física mais próxima da realidade dos(as) alunos(as) que valorize a diversidade, articulando-se a autores como Freire(1996), Coletivo de Autores(2011) e Costa (2014), que discute o Hip Hop como prática pedagógica crítica e inclusiva escolar. A proposta mobilizou conhecimentos e vivências para compreender o hip-hop como uma ferramenta pedagógica importante, que “rompe com a estrutura excluente da escola tradicional” e permite “discutir questões sociais

e políticas no espaço escolar". Durante o processo, foi possível perceber maior participação dos(as) alunos(as) e o aumento das formas de expressão corporal, crítica e emocional. Essa vivência reforça a importância do PIBID na formação de futuros(as) professores(as) atentos às questões sociais e culturais da atualidade.

Palavras-chave: Pibid; Dança; Hip-Hop; Escola Pública; Educação Física.

INTRODUÇÃO

A dança é uma manifestação corporal que envolve expressão, criatividade e consciência do próprio corpo, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades físicas, emocionais e sociais de quem a pratica. No contexto escolar, a dança é reconhecida como conteúdo obrigatório, conforme estabelecem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) e a Lei nº 13.278/2016, que asseguram a presença das diferentes linguagens artísticas, entre elas, a dança, na educação básica. Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a dança como parte essencial da formação integral do aluno, valorizando o corpo, a cultura e o movimento como formas de conhecimento e expressão. Na escola, o ensino da dança não deve ter como foco principal a técnica, mas sim a vivência, a liberdade de movimento e a expressão pessoal. Nessa perspectiva, o aluno é convidado a criar, experimentar e se expressar a partir de suas próprias experiências e percepções, sem a obrigatoriedade de reproduzir gestos e movimentos de forma padronizada. Assim, a dança se torna um espaço de escuta e valorização das identidades, onde o corpo pode comunicar histórias, sentimentos e resistências. É nesse contexto que se insere a proposta deste trabalho, que discute a dança hip-hop como uma possibilidade crítica, criativa e antirracista no ensino da Educação Física escolar. O hip-hop, enquanto movimento cultural, artístico e político, nasce das periferias e carrega em sua essência discursos de resistência, pertencimento e denúncia das desigualdades sociais. Ao ser trazido para o ambiente educacional, ele abre espaço para reflexões sobre identidade, cultura e combate ao racismo, que são temas essenciais para uma educação comprometida com a diversidade e a justiça social. Essa experiência foi desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que visa aproximar a formação inicial docente da realidade escolar. Por



meio dele, buscou-se construir práticas pedagógicas que valorizassem o hip-hop como linguagem corporal e ferramenta educativa, promovendo uma Educação Física mais crítica, inclusiva e conectada às vivências dos alunos. O presente artigo, portanto, tem como objetivo relatar e analisar essa experiência pedagógica, destacando como a dança hip-hop pode contribuir para a formação de uma escola mais democrática e antirracista.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão sobre o hip-hop na escola está profundamente ligada às questões sociais e culturais que atravessam o cotidiano dos alunos. Compreender o potencial educativo dessa linguagem exige olhar para a Educação Física sob uma perspectiva crítica, na qual o corpo é reconhecido como território de cultura, identidade e resistência. Essa concepção rompe com a visão tradicional que entende o corpo apenas como instrumento de desempenho físico, afirmindo-o como sujeito histórico e social, capaz de expressar e transformar realidades (COLETIVO DE AUTORES, 2011). Autores como Betti (1991) e Darido (2003) reforçam que a Educação Física deve transcender a dimensão biológica, incorporando valores sociais, culturais e simbólicos do movimento humano. Para Soares (1992), o corpo não é apenas o veículo do movimento, mas também o espaço em que se inscrevem as marcas da história, da cultura e das relações de poder. A escola, nesse contexto, assume papel fundamental na formação das identidades e no enfrentamento das desigualdades raciais. Desde a promulgação da Lei nº 10.639/2003, tornou-se obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, o que representa um avanço no reconhecimento das contribuições dos povos africanos e afrodescendentes para a constituição do Brasil. No entanto, autores como Gomes (2005) e Munanga (2003) destacam que, mais do que cumprir uma exigência legal, é preciso construir uma prática pedagógica efetivamente antirracista, capaz de problematizar as relações de poder, valorizar a diversidade e oferecer aos estudantes negros referências positivas sobre si mesmos e sua cultura. Inspirado na pedagogia de Paulo Freire (1996), entende-se que o corpo é uma forma de leitura e escrita do mundo, e que as práticas corporais podem ser ferramentas de emancipação e diálogo. O Coletivo de Autores (2011) reforça essa visão ao defender que o movimento humano precisa ser compreendido dentro de seu contexto histórico e social, e não apenas sob critérios técnicos ou motores. Nesse cenário, o hip-hop surge como uma poderosa linguagem pedagógica. Originado nas periferias urbanas dos Estados Unidos



nos anos 1970, consolidou-se como forma de resistência cultural das populações negras e latinas marginalizadas. No Brasil, espalhou-se pelas grandes cidades a partir da década de 1980, tornando-se um instrumento de denúncia, empoderamento e valorização das identidades periféricas (COSTA, 2014). Composto por cinco elementos principais o rap (ritmo e poesia), o DJ (produção e mixagem de sons), o break dance (dança de rua) e, o grafite (arte visual) , o hip-hop atua como uma forma de educação popular que nasce das experiências concretas da juventude e de suas realidades sociais (CHANG, 2005). De acordo com bell hooks (2019), a arte e a cultura têm papel essencial na educação libertadora, pois unem emoção, consciência crítica e ação política. Assim, o hip-hop, quando inserido no ambiente escolar, ultrapassa o caráter de entretenimento: ele se torna ferramenta de ensino que constrói saberes, questiona desigualdades e fortalece identidades. A dança hip-hop permite aos estudantes enxergar o corpo como território político, no qual se manifestam histórias, resistências e afetos (MOURA, 2017). Essa prática desafia a padronização dos gestos e a rigidez da escola tradicional, abrindo espaço para a expressão criadora, a diversidade cultural e o pensamento crítico. Portanto, ao integrar o hip-hop à prática pedagógica da Educação Física, o professor assume o papel de mediador de experiências significativas. O ensino da dança torna-se um ato pedagógico e político que questiona estruturas exclucentes e afirma o valor da pluralidade (FREIRE, 1996). Dessa forma, o corpo e a cultura deixam de ser apenas conteúdos e passam a ser ferramentas de transformação social, reafirmando a importância da arte e da educação para a construção de uma escola verdadeiramente democrática e antirracista.

METODOLOGIA

As ações foram desenvolvidas no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola pública municipal, com duas turmas do 5º ano do Ensino Fundamental. As aulas ocorriam uma vez por semana, com dois tempos de 50 minutos, sendo um voltado à teoria e outro à prática. O planejamento foi elaborado de forma coletiva entre os bolsistas do PIBID e o professor supervisor da escola, buscando integrar os elementos do hip-hop às competências e habilidades da BNCC para o componente curricular Educação Física. O conteúdo foi desenvolvido ao longo de um bimestre, no qual os alunos vivenciaram atividades de análise, criação e expressão corporal. Inicialmente, realizaram-se rodas de conversa sobre cultura, identidade e resistência. O diálogo foi essencial para mapear os



conhecimentos prévios dos alunos e criar um ambiente de escuta ativa. Em seguida, foram realizadas oficinas práticas de dança, com foco no breakdance. Durante as atividades, os professores atuaram como mediadores, incentivando a liberdade de movimento e a criatividade, valorizando os diferentes corpos e suas expressões singulares. Outras práticas incluíram a análise de letras de rap, que serviram de ponto de partida para discussões sobre desigualdade, racismo e pertencimento, e a atividade de grafite, na qual os alunos criaram produções artísticas com o tema “Educação”. As aulas culminaram na 3^a avaliação bimestral de Educação Física, na qual os alunos apresentaram performances e reflexões sobre a dança hip-hop, integrando os aspectos práticos e teóricos estudados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados demonstraram que a inserção do hip-hop no contexto escolar provocou transformações significativas tanto nos alunos quanto nos bolsistas do PIBID. As atividades propostas despertaram o interesse dos estudantes, que passaram a relacionar o conteúdo com suas próprias vivências. Durante as rodas de conversa, muitos se reconheceram nas letras das músicas e nas danças, expressando orgulho de sua cultura e de suas origens. As oficinas de dança tornaram-se espaços de cooperação e diálogo, nos quais a superação de desafios individuais fortaleceu o sentimento de pertencimento e coletividade. A expressão corporal, mediada pelo hip-hop, foi compreendida como meio de comunicação, resistência e fortalecimento da identidade. A análise das letras de rap possibilitou debates sobre desigualdade social, racismo e exclusão, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico e ampliando o repertório cultural dos alunos. Ao criarem grafites que representavam suas visões sobre o papel da escola, os estudantes demonstraram compreender a educação como espaço de luta, transformação e resistência. O papel do professor mostrou-se essencial nesse processo. Inspirado em Paulo Freire (1996), ele atuou como mediador de saberes, criando espaços de escuta, diálogo e liberdade criadora. O docente deixou de ser apenas transmissor de conteúdo e tornou-se facilitador de experiências significativas, aproximando o conhecimento acadêmico das expressões culturais dos alunos. Como destaca Arroyo (2012), a escola deve ser um espaço de acolhimento das diversidades, em que o corpo e a cultura são elementos centrais do aprendizado. Do ponto de vista dos pibidianos, a experiência proporcionou uma reflexão profunda sobre a prática docente. O contato com o hip-hop



revelou-se uma ferramenta pedagógica potente para construir pontes entre a cultura juvenil e o currículo escolar, transformando a aula em um espaço dialógico e libertador. Assim como defende Freire (1996), ensinar é um ato político, que deve partir da realidade concreta dos educandos. Bell hooks (2019) reforça essa concepção ao afirmar que ensinar é um ato de amor e coragem, um compromisso com a escuta e com a libertação, princípios que orientaram o desenvolvimento das aulas. O projeto “Nossas Raízes, Nossa História” reforçou o compromisso com uma educação antirracista, ampliando o diálogo sobre pertencimento e identidade. As ações conjuntas entre o PIBID e o projeto escolar contribuíram para que os alunos compreendessem o corpo como linguagem e o movimento como gesto político. Ao mesmo tempo, os bolsistas puderam vivenciar uma formação crítica e sensível, fundamentada em práticas que unem teoria, afeto e compromisso social. Portanto, o ensino do hip-hop no ambiente escolar consolidou-se como uma prática pedagógica transformadora, capaz de integrar corpo, cultura e consciência social. Ao promover a valorização das identidades periféricas e afro-brasileiras, reafirmou o papel da escola como espaço de emancipação e resistência (GOMES, 2005; MUNANGA, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho permitiu compreender que o ensino da dança hip-hop na Educação Física escolar ultrapassa o campo da prática corporal e adquire uma dimensão política, social e cultural. O corpo, nesse contexto, é reconhecido como meio de expressão e resistência, capaz de transformar a sala de aula em espaço de diálogo e libertação. A experiência vivenciada no PIBID demonstrou que é possível construir práticas pedagógicas que dialoguem com as realidades dos estudantes, valorizando suas origens, saberes e modos de estar no mundo. Constatou-se que o hip-hop, quando inserido de maneira crítica e contextualizada, contribui para uma educação inclusiva, democrática e antirracista, promovendo o reconhecimento das culturas afro-brasileiras e periféricas como parte essencial da formação cidadã. Conclui-se, portanto, que o ensino do hip-hop nas práticas escolares vai além do entretenimento: trata-se de um ato político e educativo que contribui para o enfrentamento do racismo, o fortalecimento das identidades e a construção de uma escola mais justa e representativa. Por fim, reafirma-se que a Educação Física, quando compreendida em sua dimensão cultural e humana, tem papel fundamental na construção de uma educação



crítica e transformadora. O hip-hop, enquanto linguagem corporal e pedagógica, mostra que ensinar é também um gesto de resistência, e que o movimento do corpo pode ser o primeiro passo para mover consciências

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonzalez. Ofício de mestre: imagens e autoimagens. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BETTI, Mauro. Educação Física e sociedade. São Paulo: Movimento, 1991.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a LDB, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera a LDB para incluir artes visuais, dança, música e teatro nos currículos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 maio 2016.
- CHANG, Jeff. Can't Stop, Won't Stop: A History of the Hip-Hop Generation. New York: St. Martin's Press, 2005.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- COSTA, Márcia. Hip-Hop: Cultura e resistência nas periferias urbanas. São Paulo: Cortez, 2014.
- DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Elefante, 2019.
- MOURA, André Luiz. Dança e cultura hip-hop: movimento, corpo e resistência. Recife: EdUFPE, 2017.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2003.





SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física: raízes europeias e brasiliade. Campinas: Autores Associados, 1992.

